



Pratos com **crueldade**

Os homens continuam se matando em guerras declaradas ou não, mas os patos e gansos nascidos no Brasil têm motivo para comemorar. A aprovação da lei que proíbe a produção e o comércio do foie gras —que o populacho chama de fuágrá— está na bica para ser aprovada pelo valoroso Congresso Nacional.

É comida de rico, não vai afetar a nossa cesta básica. A alegação para a proibição é a crueldade à qual os animais sofrem com a alimentação forçada, que faz o fígado crescer além da conta para produzir a iguaria, uma especialidade da cozinha francesa. Chefs de cozinha estão protestando contra a produção, mas já perderam a batalha.

Os veganos tentam nos convencer que podemos viver de brócolis e couve-de-bruxelas. Não vai demorar para aparecerem os defensores das lagostas e dos siris, que são colocados vivos na água fervendo antes de virarem comida. E ainda tem as ostras, que chegam à mesa ainda vivas; só morrem ao serem arrancadas da concha. Em Taiwan, conheci o camarão embriagado, servido vivo num molho em que se misturam ervas e saquê. Entra na boca se sacudindo todo.

Na China, há um prato ainda mais cruel, o Feng Gan Ji —galinha seca ao vento. O cozinheiro retira o intestino da galinha ainda viva, coloca temperos e costura. Agonizando, a ave é pendurada ao ar livre até ficar no ponto. Não sei se é comida assada ou cozida.

A cozinha tem requintes de crueldade. Vi muita galinha ser degolada e, ainda assim, escapar correndo sem a cabeça pelo quintal, esguichando sangue como personagem de filme de Quentin Tarantino. Foram todas para a panela e dali para o bucho. Dava dó ouvir o guinchar dos porcos quando levados para o abate; mas a visão das costelinhas fritas dava amnésia.

E há momentos de cortar o coração. Seu Pedro sempre gostou de cozinhar. Certa vez, ainda morando em Brasília, comprou um cabritinho para cevar. As semanas se passaram e as crianças da casa adotaram o bicho, que ganhou o nome de Arlete, embora fosse macho. O cabrito ia para todo canto com as crianças;



ganhou todas as regalias de um animal de estimação. Só não podia dormir dentro de casa.

Arlete engordou, o couro ficou lustroso; estava no ponto para virar uma cabritada. Mas era já um bicho da casa e seu Pedro teria que arrumar outro cabrito. Pelo menos era o que os outros adultos pensavam. Era sábado, ele acordou mais tarde e, com a casa vazia, olhou para o cabrito. Sem querer, um fio de baba pendeu pelo canto da boca —foi a senha para levar o bichinho ao forno.

Mais tarde, as crianças e os outros adultos chegaram. Como sempre, foram direto ao cercadinho de Arlete. A netinha mais velha perguntou: “Vovô, você viu a Arlete?” Seu Pedro tergiversou: “Deve ter saído”. Criança é insistente. Na terceira pergunta igual e já à mesa, seu Pedro apontou para o varal onde pendurara o couro do cabritinho: “Saiu, mas deve voltar logo, porque ele deixou o casquinho ali”.

E serviu pedacinhos do Arlete para todos.